

Datações absolutas para contextos funerários do Sul de Portugal: algumas reflexões em torno das arquiteturas e dos espólios

Leonor Rocha^{a,b,@}

^a Docente Universidade de Évora/ Departamento de História

^b Investigadora CEAACP/ UALg - UIBD/ ARQ/0281/ 2020 - FCT

@ Contacto: lrocha@uevora.pt

Resumo

O conjunto de datações disponíveis para o Sul de Portugal apontam, agora, para uma região multicultural onde coexistem pelo menos a partir da segunda metade do 4º milénio a. C, diferentes tipos de realidades que se traduzem em diferenças substanciais a nível dos rituais mágico religiosos presentes nos sepulcros. Aproveitando as novas datas de C14 recentemente publicadas para vários tipos de sepulcros tecem-se alguns comentários em torno destas novas realidades.

Palavras-chave

Megalitismo | Arquiteturas | Espólios | Datações Absolutas | Portugal

Résumé

L'ensemble des dates disponibles pour le sud du Portugal indique maintenant une région multiculturelle où, au moins à partir de la seconde moitié du 4e millénaire avant J.-C., coexistent différents types de réalités qui se traduisent par des différences substantielles dans les rituels religieux présents dans les tombes. Profitant des nouvelles dates du C14 récemment publiées pour les différents types de sépultures sont faits quelques commentaires autour de ces nouvelles réalités.

Mots clés

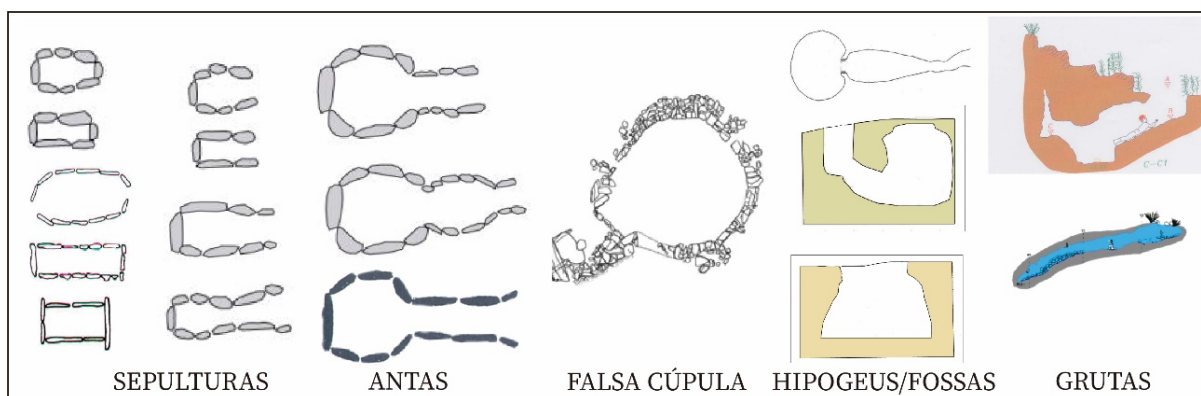
Architecture | Mégalithisme | Culture matérielle | Datations radiocarbone | Portugal

1. Arquiteturas *versus* Espaços

O Sul de Portugal apresenta, neste início do século XXI uma dinâmica em termos de investigação arqueológica nunca antes registada que se traduziu, por exemplo, no surgimento de novos e importantes sítios de povoamento e de contextos funerários, revestidos de elevada importância os quais alteraram muitos dos paradigmas vigentes durante todo o século XX.

Mas, para que este manancial de informação seja verdadeiramente assimilado, importa rever os principais contributos deste conjunto de dados, à luz de um enquadramento regional que não se esgota no potencial informativo que ele efetivamente contém. Em termos práticos acarreta por um lado a sua publicação efetiva e, por outro, a análise de cada um em particular e, depois, no seu todo, o que ainda está muito longe de ser (ou poder ser) realizada.

Figura 1. Exemplos de plantas, por tipo de arquiteturas.



Em relação à arquitetura megalítica (Fig. 1 e 2), parece manter-se os modelos tradicionais: i) as pequenas sepulturas em forma de ferradura, quadrangulares ou ovaladas, abertas ou fechadas, por vezes com pequenos esteios que esboçam um início de corredor e, ii) as antas de câmara mais ou menos poligonal, com corredores de diferentes comprimentos e larguras, com ou sem átrios associados. O seu estado de conservação é bastante variável, podendo apresentar-se bem conservadas (pelo menos no que se refere à câmara), danificadas ou quase destruídas. Se bem que ainda possa existir um número razoável de monumentos que, apesar de aparentarem estar em mau estado de conservação, possam conter informação científica relevante, uma vez que raramente se dispõe de informação fiável à superfície, a maior parte deste conjunto parece estar bastante tipificado.

As maiores surpresas e alterações acabaram por surgir no que poderemos designar como arquiteturas negativas (Fig. 1 e 2), ou seja, monumentos que se encontram parcialmente ou totalmente enterrados, ficando, assim, praticamente invisíveis à superfície. Dentro deste grupo inserem-se, i) as estruturas de falsa cúpula, com esteios ou muros de pedra seca ou em modelos mistos, que conjugam os dois tipos de construções; ii) os hipogeus, que até há poucas décadas se conheciam apenas no litoral, em áreas cujo substrato rochoso permitia a sua execução. Nestes casos, as plantas também eram bastante padronizadas, com uma câmara ovalada e um corredor de comprimento e formato variáveis mas, por norma, muito horizontais. Os novos hipogeus identificados sobretudo no Baixo Alentejo, pelo contrário, apresentam uma grande variabilidade arquitetónica, com câmaras que podem ser simples, antropomórficas, de formato mais ou menos ovalado, mas também podem possuir várias câmaras anexadas de diferentes formatos, com corredores similares aos modelos tradicionais, ou com acessos através de poços/galerias, quase na vertical; iii) as fossas, são um grupo novo que também apresenta uma grande variabilidade em termos de plantas e dimensões. Na prática, em todo este conjunto de arquiteturas negativas os monumentos podem aparecer isolados ou em grupo, por vezes estão também dentro dos perímetros de povoados de fossos.

Figura 2. Imagens dos diferentes tipos de arquiteturas.



Não obstante todos os problemas existentes na identificação e cartografia dos sítios com contextos funerários desta área, foi possível registar 2156 sítios, distribuídos por cinco principais tipos de arquiteturas (Fig. 3), que estará certamente muito aquém do real, uma vez que como referi, muitos dos novos sítios que se inserem sobretudo nas categorias Fossa/ Hipogeu e Falsa Cúpula, a sua informação completa ainda não está acessível.

Figura 3. Total de sítios no Sul de Portugal, por tipo de arquitetura



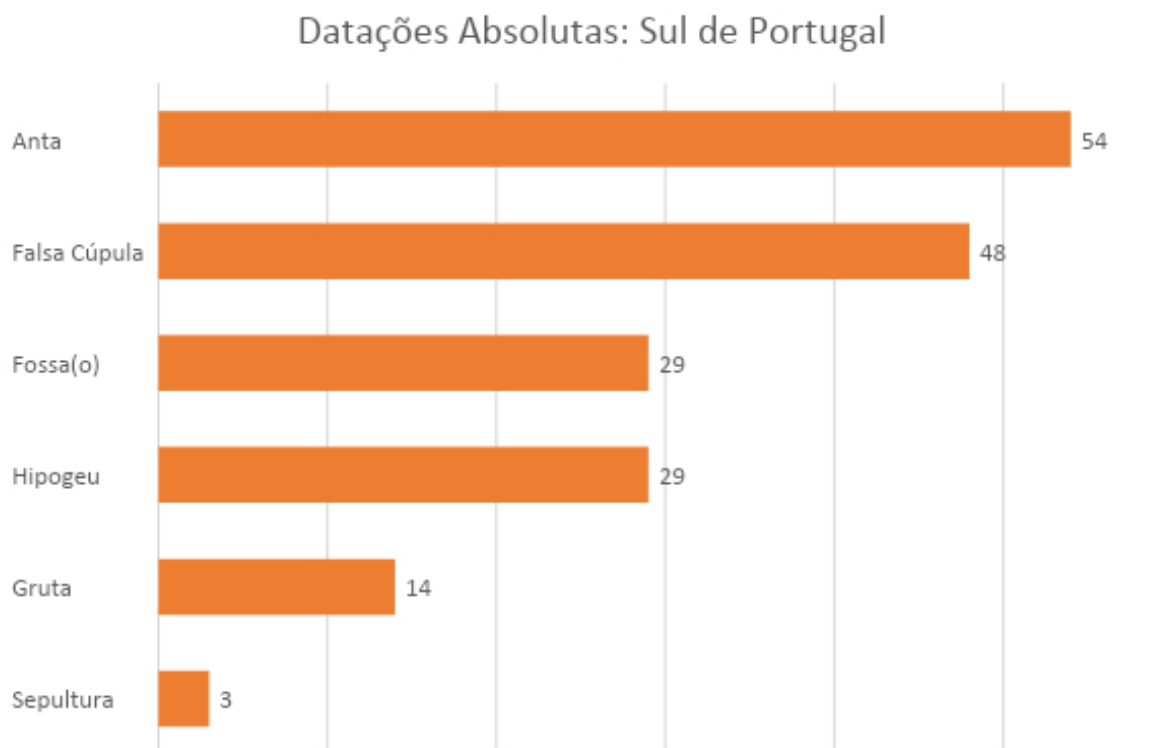
Outra das grandes novidades a registar ainda no domínio das arquiteturas é a orientação dos monumentos.

De facto, ao longo do século passado, vários investigadores se debruçaram sobre esta questão (Correia, 1921; Gonçalves, 1992; Leisner e Leisner, 1959; Oliveira, 1997; Rocha, 1999, 2005) chamando a atenção para o facto da entrada dos monumentos megalíticos se encontrar habitualmente exposta a nascente, situação que parece ser regra na maior parte dos megálitos europeus. Mas, se este padrão se aplica aos monumentos megalíticos o mesmo não se passa com os monumentos tipo hipogeu uma vez que, nestes casos, as orientações dos corredores e/ou entradas são muito díspares. Nos casos mais antigos que se conheciam, nas províncias de Lisboa e Setúbal, colocava-se a hipótese desta variabilidade se dever a condicionamentos geológicos, ou seja, escolheriam abrir o corredor onde a rocha se apresentasse mais branda, deixando de ser prioritário a questão mágico-religiosa que parece estar subjacente à orientação dos monumentos megalíticos. No entanto, para o conjunto dos novos monumentos deste tipo identificados (e publicados) no Alentejo esta questão não se coloca, uma vez que o substrato geológico (margas, xistos ou caliços brandos, etc.) é bastante homogéneo, pelo que não existiria nenhum impedimento em localizar o acesso do lado nascente o que, na maior parte dos casos não se verifica (Barradas *et alli*, 2013; Miguel e Godinho, 2009; Neves e Silva, 2018; Ponte *et alli*, 2012; Santos *et alli*, 2009; Santos *et alli*, 2014; Soares, 2003; Valera, 2013, 2014, 2018, 2020; Valera *et alli*, 2010, 2014, 2017, 2019). Assim sendo, como podemos explicar esta situação? Inquestionavelmente coexistem no tempo (entre pelo menos meados do 4º a meados do 2º milénio a.C.) e no espaço (a Sul do Tejo) monumentos que traduzem diferentes opções estruturais e ideológicas que só podem ser compreendidas se equacionarmos a existência de uma sociedade polifacetada, com diferentes concepções mágico-religiosas.

2. Datar para...?

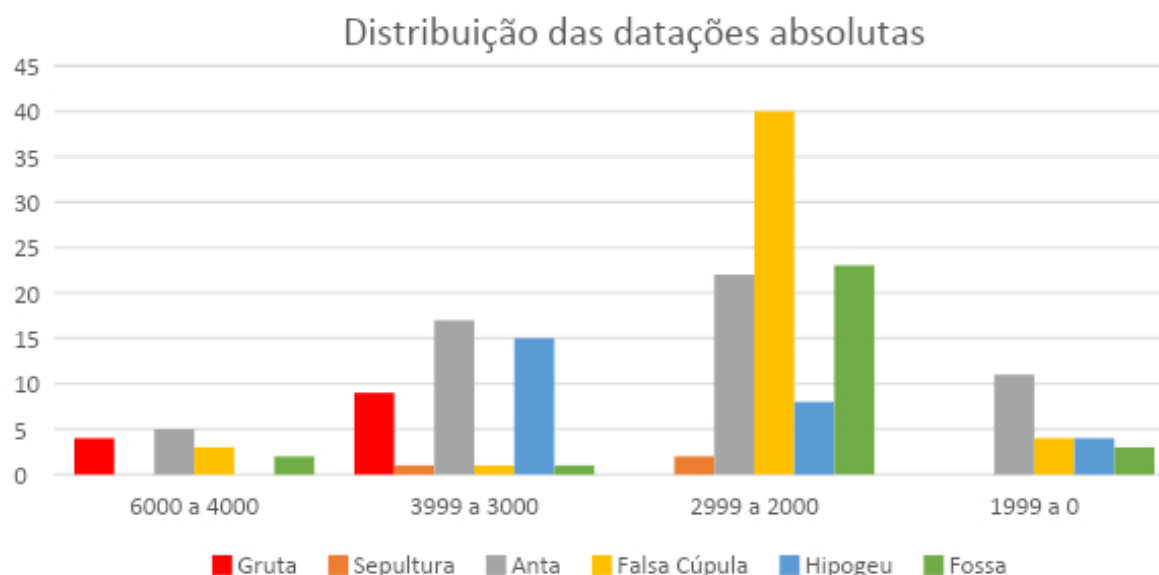
Um dos grandes problemas existentes para os contextos funerários da Pré-história Recente e Proto-história em Portugal está diretamente associado à questão das cronologias, ou mais especificamente, à falta delas. A esmagadora maioria dos monumentos megalíticos que resistiram à voragem dos tempos, foram intervencionados na 1ª metade do século XX, com metodologias que consideramos hoje como “pouco científicas” pois não se observaram os pormenores das estruturas, das estratigrafias, dos espólios... dezenas de peças não foram recolhidas, ou por não se terem visualizado na escavação (ficaram perdidas em terras não crivadas), ou simplesmente, porque estavam partidas. Acresce a tudo isto, o problema dos restos osteológicos em que, por vezes até foram identificados, mas não foram recolhidos, também eles por se encontrarem em mau estado, ou por não se perceber que eram ossos, ou...ou... certo é que, na prática, não existem restos osteológicos guardados em museus das centenas de monumentos megalíticos escavados e, nos que estão a ser intervencionados nas últimas décadas, também poucos possuem ossos conservados (sobretudo no Alentejo Norte e Centro) e, nos poucos em que existem, mais de metade não têm colagénio que permita obter datações absolutas. Este é um problema aparentemente sem solução o qual é ampliado pela negação de algumas datações existentes, pois alguns investigadores consideram que apenas se devem validar datações absolutas realizadas a partir de ossos, excluindo-se assim as que são obtidas através de carvões (sejam eles de madeiras, frutos ou outra matéria orgânica), de cerâmicas ou de sedimentos (Boaventura, 2009; Gonçalves e Sousa, 2006; Neves e Diniz, 2018). No entanto, atendendo aos problemas anteriormente enumerados não só não devemos descartar qualquer datação, como quando as avaliamos no seu todo (Tabela 1) percebemos que, na maioria dos casos, estas datações são estatisticamente coerentes com as obtidas através de ossos.

Figura 4. Número de datações existentes, por tipo de arquitetura.



Assim, das centenas de sítios com contextos funerários a Sul do Tejo que foram intervencionados até ao presente, apenas foram datados 60 sítios, com um total de 177 datações (Fig. 4).

Figura 5. Distribuição das datações por milénio e tipo de arquitetura.

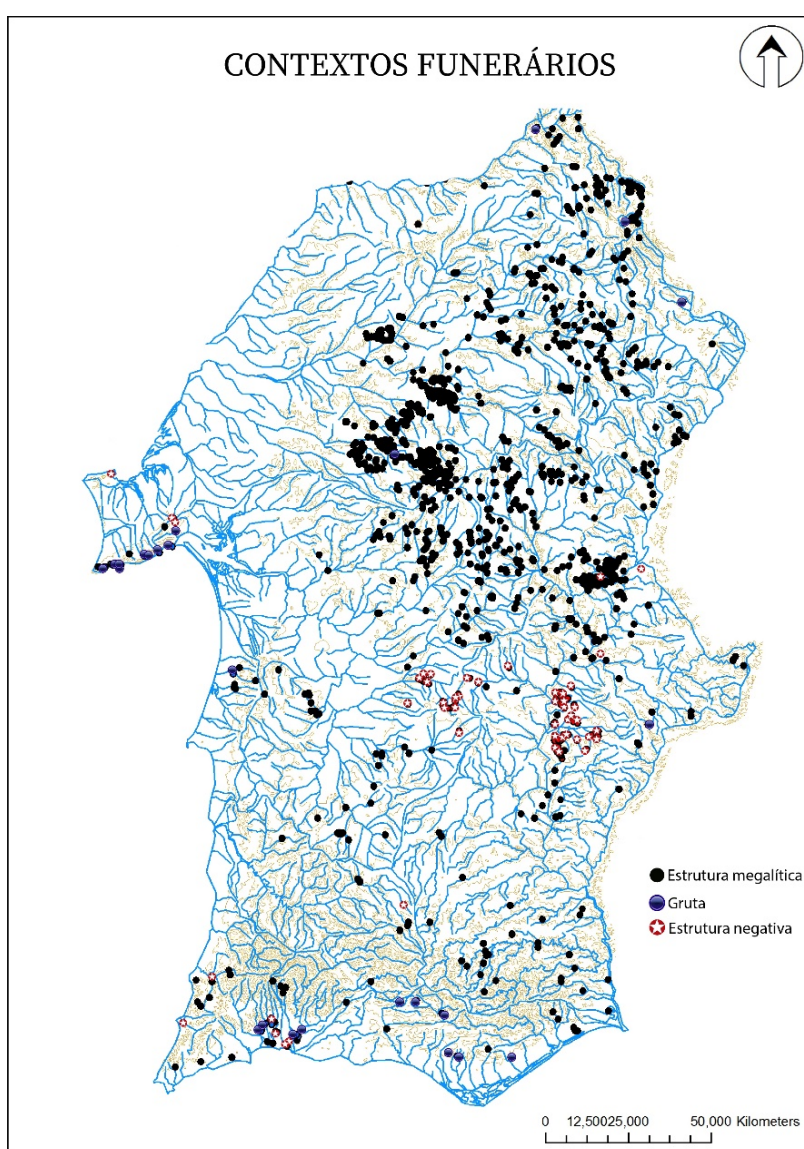


Não obstante o seu número ser ainda efetivamente baixo, pois temos pouco mais de 2% dos sítios

funerários datados, o seu alinhamento sequencial permite-nos tirar algumas ilações interessantes:

1. A maior diversidade de utilização de arquiteturas funerárias define-se no 4º e 3º milénios a.C.;
2. Que o 3º milénio a.C. se caracteriza, aparentemente, por uma utilização maioritária de arquiteturas negativas;
3. As grutas naturais parecem funcionar em sentido inverso, parecendo existir a sua utilização preferencial apenas até a 4º milénio a.C.
4. Que os monumentos tipo Anta, são utilizados durante vários milénios, o que estará certamente relacionado com a sua monumentalidade e visibilidade na paisagem ao longo dos tempos;

Figura 6. Mapa de distribuição dos contextos funerários.



Não se pode demonstrar em definitivo, com a informação arqueológica atualmente disponível, que esta leitura é já totalmente fiável mas, podemos certamente considerar que os dados existentes parecem desenhar

um modelo de grande dinamismo cultural para o 4º e 3º milénios a.C., com a construção e utilização de diferentes arquiteturas funerárias (hipogeus, antas, estruturas de falsa cúpula e fossas) em simultâneo, mas com visíveis disparidades em termos de rituais funerários, nomeadamente a nível dos espólios depositados e no uso de pigmentos vermelhos (cinábrio e/ou ocre).

Na verdade, a questão dos espólios é bastante exemplificativa dos problemas existentes em torno das datações absolutas.

Tradicionalmente, a relação espólios/ tipos de arquiteturas funerárias assentava essencialmente nas presenças e/ou inexistência de determinados tipos como as cerâmicas, as placas gravadas (de xisto ou de grés), os báculos e, dentro da pedra lascada, a morfologia das lâminas e lamelas, por exemplo. Na ausência de restos osteológicos ou carvões suscetíveis de serem datados por C14, a integração cronológico-cultural dos contextos funerários baseava-se assim nos espólios, o que sabemos agora ser uma avaliação ainda mais problemática do que se poderia supor. Porquê? Apesar de escassas, as cronologias absolutas existentes até aos finais do séc. XX, em termos gerais já abarcavam a maior parte das tipologias funerárias (grutas naturais, sepulturas megalíticas, hipogeus, antas e estruturas de falsa cúpula) e todas pareciam indicar o uso, em simultâneo, de todos estes tipos de sepulcros, mas, também, que existiam padrões aparentemente tipificados dentro dos espólios. Mas esta avaliação cronológica, com os novos monumentos funerários que se têm vindo a identificar no Baixo Alentejo, fica com muitos problemas.

Efetivamente, para além dos hipogeus apresentarem uma grande diversidade de formas surgiu o grupo das fossas, também ele com tipologias diversificadas e, ainda, os enterramentos no interior de povoados. Em todos, a presença de restos osteológicos conservados é quase uma constante, o que é sem dúvida extremamente positivo para se poderem realizar séries de datações absolutas e outros tipos de estudos, mas, em muitos deles, não só não existem quaisquer espólios associados como, por vezes, os materiais encontrados parecem ter pouca correspondência com o tipo de sepulcro – pelo menos dentro dos modelos tradicionais. Estas evidências constituem uma novidade, mas também um problema, sobretudo para o que se considerava como um ritual funerário constante, a deposição de espólios junto ao morto. Para além disso, destaca-se a ausência de grupos que estão muito presentes nos monumentos megalíticos, como as cerâmicas e os ídolos e a prevalência de outros tipos muito específicos: as pequenas lâminas, os geométricos, os machados, as enxós e a presença de elementos de adorno obtidos a partir de conchas (como a *glycimeris*). Na realidade, os escassos ídolos e placas de xisto encontrados nesta área surgem por vezes associados a enterramentos no interior dos povoados de fossos (silos e fossas, mas também, em contextos de lixeiras) (Miguel e Godinho, 2009; Soares, 2003; Valera, 2013, 2018, 2020; Valera et alii, 2010, 2014).

As datações absolutas obtidas para estes sítios vieram revelar que nem sempre espólios menos diversificados, sem cerâmicas e placas ou ídolos correspondiam a datações mais antigas. Estas evidências deviam, obrigatoriamente, fazer-nos subir o nosso nível de investigação para outro tipo de patamares, uma vez que atualmente dispomos de um conjunto de análises físico-químicas que nos permitem retirar mais informação dos ossos antigos, para além das datações absolutas. Neste caso seria importante saber se as discrepâncias existentes se podem atribuir a diferenças apenas de cariz social e/ou religioso ou se, pelo contrário, se podem atribuir a grupos diferentes que seria possível determinar através de estudos paleoisotópicos ($\delta^{15}N$ e $\delta^{13}C$) e da recolha de ADN antigo, que nos permitiriam rastrear linhagens familiares e elaborar um mapa das migrações humanas através do conhecimento dos haplogrupos do cromossoma Y (ADN-Y) e do ADN mitocondrial (ADNmt).

Como referi anteriormente, alguns tipos de monumentos irão sempre ficar penalizados nesta equação (as arquiteturas megalíticas), mas para as estruturas negativas que conservam abundantes restos osteológicos, torna-se necessário investir num programa mais intensivo de análises. De facto, só através da conjugação dos espólios, arquiteturas, datações, paleodietas, mobilidade, rituais funerários e outros estudos mais específicos poderemos vir a compreender a complexa realidade cultural e as evidentes redes de contacto existentes no Sul de Portugal no decurso da Pré-história recente e Proto-história.

3. De onde vimos e para onde caminhamos?

Uma das grandes questões que sempre se colocou e que infelizmente continua muito presente neste novo século, diz respeito à partilha da informação, como se viu no decurso deste estudo. Para além de todos os sítios que tendo sido registados ao longo do século XX continuam a não constar na base de dados nacional (Portal do Arqueólogo), os que foram recentemente identificados e intervencionados também não só não foram inseridos, como muitos ainda não foram publicados os resultados das respetivas intervenções (incluindo datações realizadas). Esta situação é particularmente grave pois os trabalhos arqueológicos ou foram executados no âmbito de projetos de investigação subsidiados por organismos públicos nacionais ou estrangeiros ou, foram realizados no âmbito de medidas de minimização de impactes ambientais, também suportados através de financiamento público ou privado. Assim sendo, não só o Património é uma herança cultural comum, de que todos temos direito de usufruir, quer seja em termos físicos, de visita ao local, quer seja através do conhecimento científico, como também não se pode apelar a uma pretensa prioridade científica “*ad aeternum*” de dados que obtivemos através de pagamentos e/ou financiamentos externos. Na realidade, para podermos criticar de forma isenta os nossos antecessores devemos ter, por um lado, a capacidade de os enquadrar no quadro político, social e científico em que viveram e, por outro, não cometer os mesmo erros. Esperemos, pois, que este novo século nos permita colmatar todos os “buracos negros” que existem a nível da investigação arqueológica pois só assim poderemos vir a compreender melhor as nossas origens.

Sítio	Local	Tipo	Base	Cod. Lab.	BP	Cal BC	Bib.
Santa Margarida 3	Reguengos de Monsaraz	Anta	Fruto carbonizado, Arbutus unedo	Beta 166424	560±40		Gonçalves, 2003f
Santa Margarida 3	Reguengos de Monsaraz	Anta	Fruto carbonizado, Arbutus unedo	Beta 166419	730±40		Gonçalves, 2003f
Castelhanas	Marvão	Anta	Carvões	ICEN 1263	780±60		Oliveira, 1997a
S. Gens 1	Nisa	Anta	Osso humano	Beta 234137	890±40		Boaventura, 2009
Lucas 6	Alandroal	Anta	Carvões	Beta 200047	920±40		Rocha, 2007
Bertiandos 6	Montemor-o-Novo	Anta	Osso humano	Beta 196092	1720±40		Rocha, 2005
Tapada do Castelo	Marvão	Anta	Osso humano	Beta 409557	2270±30	395-350	Rocha, 2021*
Farisoa 1	Reguengos de Monsaraz	Anta	Cerâmica	OxTL 169i	2405±260		Soares e Cabral, 1993: 227 Oliveira, 1984

Farisoa 1	Reguengos de Monsaraz	Tholos	Cerâmica	OxTL 169j	2675±270		Soares e Cabral, 1993: 227
Centirã 2	Serpa	Tholos	Osso humano	Sac 2789	2950±80	1935-936	Valera et al, 2014: 62
Zambujeiro 4	Montemor-o-Novo	Anta	Osso humano	Beta 196093	3040±40	1420-1190	Rocha e Duarte, 2009
Horta do Albardão 3	Évora	Fossa	Osso humano	Sac 2252	3080±60	1500-1190	Santos <i>et alli</i> , 2009
Casarão da Mesquita 4	Évora	Fossa	Osso humano	Sac 2390	3120±40	1495-1297	Nunes et al, 2014:116
Castelhanas	Marvão	Anta	Osso humano	OxA 5432	3220±65	1630-1320	Oliveira, 2021
Anta Grande da Comenda da Igreja	Évora	Anta	Cerâmica	OxTL 169f	3235±310		Soares e Cabral, 1993: 227
Monte do Gato de Cima 3	Serpa	Hipogeu	Osso humano	Sac 2573	3260±50	1663-1430	Valera et al, 2014: 66
Alcalar 7	Portimão	Tholos	Carvões	Beta 180982	3280±40	1657-1457	Valera et alii, 2019: 62
Monte do Gato de Cima 3	Serpa	Hipogeu	Osso humano	Beta 318381	3300±30	1660-1500	Valera et al, 2014: 66
A-dos-Tassos	Ourique	Tholos	Carvões	Sac 199	3320±200	2130-1120	Soares e Cabral, 1993: 227
Barrocal das Freiras 3	Montemor-o-Novo	Anta	Osso humano	Wk 17086	3355±35	1740-1530	Rocha e Duarte, 2009
Monte do Gato de Cima 3	Serpa	Hipogeu	Osso humano	Beta 318379	3360±30	1740-1540	Valera et al, 2014: 66
Horta do Folgão/ Hipogeu 3	Serpa	Hipogeu	Osso humano	Sac 2557	3400±50	1783-1605	Ponte et alii, 2012: 290-291
Cadavais	Serpa	Fossa	Osso humano	Beta 318382	3430±30	1870-1680	Valera et al, 2014: 62
Cadavais	Serpa	Hipogeu	Osso humano	Sac 2583	3550±70	2126-1692	Valera et al, 2014: 62
Tapada do Castelo	Marvão	Anta	Ovicaprídeo	Beta 506380	3560±30	1980-1868	Rocha, 2021*

Cabeçuda 1	Marvão	Anta	Carvões	ICEN 977	3650±110	2350-1730	Oliveira, 1997 ^a
Mercador	Mourão	Covacho	Osso humano	OxA 11981	3664±29	2134-1936	Valera, 2020: 143
Centirã 2	Serpa	Tholos	Osso humano	Beta 331980	3680±30	2190-1965	Valera et al, 2014: 62
Centirã 2	Serpa	Tholos	Osso humano	Sac 2796	3710±45	2275-1961	Valera et al, 2014: 62
Cabeçuda 1	Marvão	Anta	Carvões	ICEN 979	3720±45	2290-1970	Oliveira, 1997a
Santa Margarida 3	Reguengos de Monsaraz	Anta	Canídeo	Beta 166420	3720±50	2290-1960	Gonçalves, 2003f
Alcalar 9	Portimão	Tholos	Carvões	Beta 316624	3730±30	2205-2032	Valera et alii, 2019: 62
Santa Margarida 3	Reguengos de Monsaraz	Anta	Osso humano	Beta 166421	3730±40	2290-2020	Gonçalves, 2003f
Bela Vista 1/ Fossa 1	Beja	Fossa	Osso humano	Beta 330091	3740±30	2270-2040	Valera, 2014: 33
N^a Sra. Conceição dos Olivais	Estremoz	Anta	Osso humano	Wk 17089	3758±36	2290-2110	Rocha e Duarte, 2009
Centirã 2	Serpa	Tholos	Osso humano	Sac 2782	3760±70	2456-1978	Valera et al, 2014: 62
Santa Margarida 3	Reguengos de Monsaraz	Anta	Osso humano	Beta 166417	3770±40	2310-2030	Gonçalves, 2003f
Cardim 6	Ferreira do Alentejo	Tholos	Osso humano	SANU 53514	3772±32	2292-2130	Valera et alii, 2019: 62
Perdigões/ Sepulcro 4	Reguengos de Monsaraz	Tholos	Osso humano	ICA-18B 0539	3780±40	2350-2120	Valera et alii, 2019: 62
Santa Margarida 3	Reguengos de Monsaraz	Anta	Osso humano	Beta 166418	3780±40	2350-2120	Gonçalves, 2003f

Perdigões/ Fossa 40	Reguengos de Monsaraz	Fossa	Osso humano	SANU 53730	3788±28	2299-2136	Valera, 2020: 41
Centirã 2	Serpa	Tholos	Osso humano	Sac 2792	3790±110	2562-1930	Valera et al, 2014: 62
Cardim 6	Ferreira do Alentejo	Tholos	Osso humano	SANU 53037	3795±26	2297-2140	Valera et alii, 2019: 62
Pedra Escorregadia	Vila do Bispo	Sepultura	Osso humano	ICEN 1028	3800±100	2490-1950	Gomes, 1994: 82
Cardim 6	Ferreira do Alentejo	Tholos	Osso humano	SANU 53512	3805±33	2348-2137	Valera et alii, 2019: 62
Perdigões/ Sepulcro 4	Reguengos de Monsaraz	Tholos	Osso humano	Beta 514883	3810±30	2347-2190	Valera et alii, 2019: 62
Centirã 2	Serpa	Tholos	Osso humano	Sac 2788	3810±80	2471-2032	Valera et al, 2014: 62
Perdigões/ Sepulcro 4	Reguengos de Monsaraz	Tholos	Osso humano	Beta 517338	3820±30	2350-2193	Valera et alii, 2019: 62
Perdigões/ Sepulcro 4	Reguengos de Monsaraz	Tholos	Osso humano	Beta 514884	3830±30	2351-2198	Valera et alii, 2019: 62
Perdigões/ Sepulcro 4	Reguengos de Monsaraz	Tholos	Osso humano	Beta 514880	3840±30	2409-2202	Valera et alii, 2019: 62
Perdigões/ Sepulcro 2	Reguengos de Monsaraz	Tholos	Osso humano	Beta 308789	3840±30	2457-2202	Valera et alii, 2019: 62
Cebolinhos 2	Reguengos de Monsaraz	Anta	Osso humano	Beta 177471	3840±40	2470-2190	Gonçalves, 2003a

Perdigões/ Ambiente 1	Reguengos de Monsaraz		Osso humano	Beta 313720	3850±30	2458-2269	Valera, 2020: 41
Cardim 6	Ferreira do Alentejo	Tholos	Osso humano	SANU 53038	3855±24	2458-2276	Valera et alii, 2019: 62
Perdigões/ Sepulcro 4	Reguengos de Monsaraz	Tholos	Osso humano	Beta 514881	3860±30	2461-2276	Valera et alii, 2019: 62
Alcalar 7	Portimão	Tholos	Carvões	Beta 180980	3860±40	2464-2206	Valera et alii, 2019: 62
Alcalar 10	Portimão	Tholos	Carvões	Beta 180980	3860±40	2470-2200	Morán e Parreira, 2004
Perdigões/ Fossa 40	Reguengos de Monsaraz	Fossa	Osso humano	SANU 53724	3867±25	2463-2282	Valera, 2020: 41
Perdigões/ Sepulcro 4	Reguengos de Monsaraz	Tholos	Osso humano	ICA-18B 0541	3870±30	2470-2270	Valera et alii, 2019: 62
S. Paulo 2	Almada	Hipogeu	Osso humano	UBAR 630	3870±70	2553-2137	Gonçalves et <i>alii</i> , 2004
Cardim 6	Ferreira do Alentejo	Tholos	Osso humano	SANU 53513	3871±35	2468-2277	Valera et alii, 2019: 62
Cardim 6	Ferreira do Alentejo	Tholos	Osso humano	SANU 53039	3880±25	2464-2290	Valera et alii, 2019: 62
Perdigões/ Sepulcro 2	Reguengos de Monsaraz	Tholos	Osso humano	Beta 308792	3890±30	2468-2291	Valera et alii, 2019: 62
Perdigões/ Ambiente 1	Reguengos de Monsaraz		Osso humano	Beta 308784	3900±30	2470-2297	Valera, 2020: 41
Monte da Velha 1	Serpa	Tholos	Osso humano	Beta 194027	3900±40	2479-2280	Soares, 2008: 47-48

Cebolinhos 2	Reguengos de Monsaraz	Anta	Osso humano	Beta 176899	3900±40	2490-2270	Gonçalves, 2003a
Monte do Outeiro	Aljustrel	Tholos	Osso humano	Beta 194027	3900±40		Soares, 2008: 49
Centirã 2	Serpa	Tholos	Osso humano	Sac 2790	3900±45	2489-2209	Valera et al, 2014: 62
Cardim 6	Ferreira do Alentejo	Tholos	Osso humano	SANU 53106	3905±25	2470-2334	Valera et alii, 2019: 62
Vale Rodrigo 2	Évora	Anta	Carvões	Ua 10831	3905±75	2580-2190	Larsson, 2000
Anta Grande do Zambujeiro	Évora	Anta	Carvões	Beta 243693	3910±40	2500-2280	Soares e Silva, 2010
Monte de Cortes 2	Serpa	Hipogeu	Osso humano	Sac 2574	3920±50	2568-2212	Valera et al, 2014: 62
Perdigões/ Sepulcro 4	Reguengos de Monsaraz	Tholos	Osso humano	Beta 517339	3930±30	2491-2333	Valera et alii, 2019: 62
Perdigões/ Fossa 40	Reguengos de Monsaraz	Fossa	Osso humano	SANU 53726	3931±25	2490-2339	Valera, 2020: 41
Cardim 6	Ferreira do Alentejo	Tholos	Osso humano	SANU 53101	3940±25	2492-2345	Valera et alii, 2019: 62
Perdigões/ Fosso 4	Reguengos de Monsaraz	Fosso	Osso humano	Beta 289264	3940±40	2499-2332	Valera, 2020: 42
Centirã 2	Serpa	Tholos	Osso humano	Sac 2791	3940±50	2573-2291	Valera et al, 2014: 62
Perdigões/ Fossa 40	Reguengos de Monsaraz	Fossa	Osso humano	SANU 53733	3952±25	2499-2399	Valera, 2020: 41
S. Paulo 2	Almada	Hipogeu	Osso humano	UBAR 629	3960±190	2905-1950	Gonçalves et alii, 2004

Perdigões/ Sepulcro 2	Reguengos de Monsaraz	Tholos	Osso humano	Beta 308793	3970±30	2575-2350	Valera et alii, 2019: 62
Perdigões/ Ambiente 1	Reguengos de Monsaraz		Osso humano	Beta 308785	3970±30	2575-2452	Valera, 2020: 41
Monte de Cortes 2	Serpa	Hipogeu	Osso humano	Sac 2575	3970±70	2838-2210	Valera et al, 2014: 62
Perdigões/ Fossa 40	Reguengos de Monsaraz	Fossa	Osso humano	SANU 53732	3976±26	2572-2512	Valera, 2020: 41
Perdigões/ Fossa 40	Reguengos de Monsaraz	Fossa	Osso humano	SANU 51725	3980±35	2580-2449	Valera, 2020: 41
Perdigões/ Sepulcro 1	Reguengos de Monsaraz	Tholos	Osso humano	Beta 311480	3990±30	2575-2466	Valera et alii, 2019: 62
Perdigões/ Fossa 16	Reguengos de Monsaraz	Fossa	Osso humano	Beta 289262	3990±40	2621-2450	Valera, 2020: 41
Perdigões/ Ambiente 1	Reguengos de Monsaraz	Fossa	Osso humano	Beta 313721	4000±40	2577-2468	Valera, 2020: 41
Perdigões/ Fosso 7	Reguengos de Monsaraz	Fosso	Osso humano	ICA-15T 1023	4010±30	2581-2468	Valera, 2020: 42
Perdigões/ Fossa 40	Reguengos de Monsaraz	Fossa	Osso humano	SANU 51726	4015±30	2582-2470	Valera, 2020: 41
Perdigões/ Fossa 40	Reguengos de Monsaraz	Fossa	Osso humano	SANU 53725	4016±26	2581-2471	Valera, 2020: 41

Perdigões/ Fossa 40	Reguengos de Monsaraz	Fossa	Osso humano	SANU 53723	4021±25	2581-2473	Valera, 2020: 41
Perdigões/ Sepulcro 1	Reguengos de Monsaraz	Tholos	Osso humano	Beta 327750	4030±40	2835-2467	Valera et alii, 2019: 62
Perdigões/ Fossa 40	Reguengos de Monsaraz	Fossa	Osso humano	SANU 53731	4044±27	2631-2478	Valera, 2020: 41
Monte de Cortes 2	Serpa	Hipogeu	Osso humano	Beta 318382	4050±30	2830-2490	Valera et al, 2014: 62
Casal do Pardo 3	Palmela	Hipogeu	Osso humano	OxA 5508	4050±60	2870-2460	Gonçalves, 2013
Perdigões/ Sepulcro 1	Reguengos de Monsaraz	Tholos	Osso humano	Beta 327748	4060±30	2840-2483	Valera et alii, 2019: 62
Pedra Escorregadia	Vila do Bispo	Sepultura	Osso humano	ICEN 844	4060±70	2880-2460	Gomes, 1994: 82
Perdigões/ Fossa 40	Reguengos de Monsaraz	Fossa	Osso humano	SANU 53727	4070±25	2680-2561	Valera, 2020: 41
Perdigões/ Fossa 40	Reguengos de Monsaraz	Fossa	Osso humano	SANU 53729	4076±26	2695-2564	Valera, 2020: 41
Sobreira de Cima 5	Vidigueira	Hipogeu	Osso humano	Beta 232637	4080±40	2863-2489	Valera, 2013: 41
Perdigões/ Sepulcro 2	Reguengos de Monsaraz	Tholos	Osso humano	Beta 308791	4090±30	2860-2499	Valera et alii, 2019: 62
Santa Margarida 3	Reguengos de Monsaraz	Anta	Osso humano	Beta 166423	4100±40	2780-2560	Gonçalves, 2003f

Perdigões/ Fossa 40	Reguengos de Monsaraz	Fossa	Osso humano	SANU 53721	4107±27	2706-2575	Valera, 2020: 41
Perdigões/ Fosso 3/4	Reguengos de Monsaraz	Fosso	Osso humano	ICA-17B 1147	4120±30	2780-2580	Valera, 2020: 42
Horta	Alter do Chão	Anta	Osso humano	Beta 194312		2800-2760	Oliveira, 2006
Pedra Branca	Grandola	Anta	Osso humano	ICEN 1041	4120±60	2890-2560	Soares, 2010
Perdigões/ Sepulcro 1	Reguengos de Monsaraz	Tholos	Osso humano	Beta 327747	4130±30	2872-2583	Valera et alii, 2019: 62
Olival da Pega 2b	Reguengos de Monsaraz	Tholos	Osso humano	ICEN 957	4130±60	2883-2494	Gonçalves, 2013
Santa Margarida 3	Reguengos de Monsaraz	Anta	Osso humano	Beta 176896	4170±40	2890-2620	Gonçalves, 2003f
Olival da Pega 2b	Reguengos de Monsaraz	Tholos	Osso humano	ICEN 956	4180±80	2918-2497	Gonçalves, 2013
Estanque	Montemor- o-Novo	Anta	Osso humano	Wk 17091	4182±39	2900-2630	Rocha e Duarte, 2009
Perdigões/ Sepulcro 3	Reguengos de Monsaraz	Tholos	Osso humano	ICA-17B 1142	4190±30	2820-2670	Valera, 2020: 41
Horta	Alter do Chão	Anta	Osso humano	Beta AH-M11	4190±50	2930-2860	Oliveira, 2021
Perdigões/ Sepulcro 3	Reguengos de Monsaraz	Tholos	Osso humano	ICA-17B 114	4200±30	2810-2680	Valera, 2020: 41
Courelheiros 4	Castelo de Vide	Anta	Carvões	ICEN 976	4240±150	3340-2470	Oliveira, 1997

Santa Margarida 3	Reguengos de Monsaraz	Anta	Osso humano	Beta 166416	4270±40	2920-2870	Gonçalves, 2013
Santa Margarida 3	Reguengos de Monsaraz	Anta	Osso humano	Beta 166422	4270±40	2920-2870	Gonçalves, 2013
Serrinha	Monforte	Anta	Osso humano	Beta - 507395	4290±30	2942-2877	Rocha e Morgado, 2020
Serrinha	Monforte	Anta	Osso humano	Beta - 516220	4290±30	2942-2877	Rocha e Morgado, 2020
Olival da Pega 2b	Reguengos de Monsaraz	Tholos	Osso humano	ICEN 955	4290±100	3311-2584	Gonçalves, 2013
Santa Margarida 3	Reguengos de Monsaraz	Anta	Osso humano	Beta 176897	4290±40	2930-2880	Gonçalves, 2013
Bola da Cera	Marvão	Anta	Osso humano	ICEN 66	4360±50	3096-2885	Soares e Cabral, 1993: 227
Monte Canelas 1	Portimão	Hipogeu	Osso humano	OxA 5515	4370±60	3140-2910	Gonçalves, 2013
Horta	Alter do Chão	Anta	Osso humano	Beta AH-O10	4390±40	3350-3020	Oliveira, 2021
Santa Margarida 2	Reguengos de Monsaraz	Anta	Carvões	Beta 153911	4410±60	3340-2900	Gonçalves, 2013
Lapa do Bugio	Sesimbra	Gruta	Osso	OxA 5507	4420±110	3370-2780	Gonçalves, 2013
Lapa do Fumo	Sesimbra	Gruta	Osso humano	ICEN 240	4420±45	3305-2915	Gonçalves, 2013
Bola da Cera	Marvão	Anta	Osso humano	ICEN 67	4420±45	3331-2916	Oliveira, 1997
Monte Canelas 1	Portimão	Hipogeu	Osso humano	OxA 5514	4420±60	3130-2880	Gonçalves, 2013

Escoural	Montemor-o-Novo	Gruta	Osso humano	Lv 1925	4420±60	3140-2910	Araújo e Lejeune, 1995.
Cerca do Zambujal	Grandola	Gruta	Osso humano	TO 2090	4420±70	3340-2900	Lubell et al 1994.
Gorginos 2	Reguengos de Monsaraz	Anta	Cerâmica		4440±360		Araújo e Lejeune, 1995.
Monte Canelas 1	Portimão	Hipogeu	Carvões	ICEN 1149	4460±110	3379-2881	Gonçalves, 2013
Escoural	Montemor-o-Novo	Gruta	Osso humano	Lv 1924	4460±70	3360-2920	Araújo e Lejeune, 1995.
Horta	Alter do Chão	Anta	Osso humano	Beta 194313	4480±40	3350-3080	Oliveira, 2006
Quinta da Abóboda/ Hipogeu 2	Beja	Hipogeu	Osso humano	ICA 16B0303	4500±30	3347-3097	Valera et alii, 2017: 19
Escoural	Montemor-o-Novo	Gruta	Osso humano	Lv 1922	4500±60	3370-3010	Araújo e Lejeune, 1995.
Sobreira de Cima 1	Vidigueira	Hipogeu	Osso humano	Sac 2261	4500±70	3483-2932	Valera, 2013: 41
Poço da Gateira 1	Reguengos de Monsaraz	Anta	Cerâmica		4510±360		Araújo e Lejeune, 1995.
Sobreira de Cima 4	Vidigueira	Hipogeu	Osso humano	Sac 2256	4520±35	3359-3098	Valera, 2013: 41
Castro Marim	Castro Marim	Hipogeu	Osso humano	OxA 5441	4525±60	3380-3020	Gonçalves, 2013
Sobreira de Cima 1	Vidigueira	Hipogeu	Osso humano	Sac 2260	4530±50	3483-3033	Valera, 2013: 41
Sobreira de Cima 1	Vidigueira	Hipogeu	Osso humano	Wk 36005	4566±30	3492-3109	Valera, 2013: 41
Minas das Azenhas 6	Serpa	Fossas	Osso humano	Beta 318380	4590±30	3490-3200	Valera et al, 2014: 60
Sobreira de Cima 1	Vidigueira	Hipogeu	Osso humano	Wk 36003	4601±26	3500-3197	Valera, 2013: 41

Escoural	Montemor-o-Novo	Gruta	Osso humano	Lv 1923	4610±60	3630-3600	Araújo e Lejeune, 1995.
Pedra Branca	Grandola	Anta	Osso humano	ICEN 1040	4620±60	3540-3310	Soares, 2010
Cabeço da Areia	Montemor-o-Novo	Sepultura	Osso humano	Beta 196091	4650±40	3520-3350	Rocha, 2005
Rabuje 5	Monforte	Anta	Carvões	Beta 191133	4650±50	3540-3340	Boaventura, 2009
Sobreira de Cima 3	Vidigueira	Hipogeu	Osso humano	Beta 231071	4670±50	3631-3357	Valera, 2013: 41
Quinta da Abóboda/ Hipogeu 2	Beja	Hipogeu	Osso humano	ICA 16B/0938	4680±40	3529-3366	Valera et alii, 2017: 19
Rabuje 5	Monforte	Anta	Carvões	Beta 191133		3620-3350	Boaventura, 2009
Escoural	Montemor-o-Novo	Gruta	Osso humano	ICEN 861	4680±80	3644-3103	Araújo e Lejeune, 1995.
Escoural	Montemor-o-Novo	Gruta	Osso humano	ICEN 861	4680±80	3650-3330	Araújo e Lejeune, 1995.
Quinta da Abóboda/ Hipogeu 2	Beja	Hipogeu	Osso humano	ICA 15B1255	4690±40	3533-3368	Valera et alii, 2017: 19
Cabeceira 4	Mora	Anta	Osso humano	Wk 41086	4742±20	3635-3553	Faustino e Rocha, 2016
Cabeceira 4	Mora	Anta	Osso humano	Wk 17084	4759±41	3650-3490	Rocha e Duarte, 2009
Quinta da Abóboda/ Hipogeu 2	Beja	Hipogeu	Osso humano	Beta 474679	4770±40	3641-3516	Valera et alii, 2017: 19
Sobreira 1	Vidigueira	Hipogeu	Osso humano	Beta 233283	4770±40	3650-3500	Boaventura, 2009
Cabeceira 4	Mora	Anta	Osso humano	Beta 196094	4780±40	3650-3510	Sgd. Rocha, 2005
Lapa do Bugio	Sesimbra	Gruta	Osso	GrN 6628	4850±45		Soares e Cabral, 1984
Sobreira de Cima 2	Vidigueira	Hipogeu	Sedimentos	SBC 5	4897.3±259.8		Dias et alii, 2008:37
Vale Rodrigo 2	Évora	Anta	Carvões	Ua 10830	4905±70	3820-3620	Larsson, 2000

Algarão da Goldra	Faro	Gruta	Osso humano	SMU 2197	4990±320	4490-3000	Boaventura, 2009
Vale de Rodrigo 3	Évora	Anta	Carvões	KIA 31381	4996±29	3810-3700	Ambruster, 2007
Lapa do Fumo	Sesimbra	Gruta	Carvões	KN 361	5040±160	4230-3390	Soares e Cabral, 1993: 230
Sobreira de Cima 1	Vidigueira	Hipogeu	Sedimentos	SBC 3	5231.4±369.6		Dias et alii, 2008:37
Lapa do Sono	Sesimbra	Gruta	Osso humano	OxA 259979	5407±31	4328-4252	Fernandes et alii, 2015
Castelo Belinho	Portimão	Fossa	Osso humano	Beta 199912	5500±40	4450-4310	Boaventura, 2009
Escoural	Montemor-o-Novo	Gruta	Osso humano	OxA 4444	5560±160	4769-4005	Araújo e Lejeune, 1995.
Alcalar 7	Portimão	Tholos	Carvões	Sac 1794	5640±100	4720-4320	Morán e Parreira, 2004
Alcalar 9	Portimão	Tholos	Carvões	Beta 180981	5690±40	4620-4450	Morán e Parreira, 2004
Castelo Belinho	Portimão	Fossa	Osso humano	Beta 1999913	5720±40	4690-4460	Boaventura, 2009
Alcalar 8	Portimão	Tholos	Carvões	Beta 180978	5810±40	4780-4540	Morán e Parreira, 2004
Figueira Branca	Marvão	Anta	Carvões	ICEN 823	6210±50	5310-5030	Oliveira, 1997a
Castelhanas	Marvão	Anta	Carvões	ICEN 1264	6360±110	5448-5059	Oliveira, 2021
Cabeçuda 1	Marvão	Anta	Carvões	ICEN 978	7660±60	6640-6420	Oliveira, 1997

4. Bibliografia

- ARAÚJO, A.C. y LEJEUNE, M. (1995) - *Gruta do Escoural: Necrópole Neolítica e Arte Rupestre Paleolítica*. Trabalhos de Arqueologia. 8. Lisboa.
- BARRADAS, E; SILVÉRIO, S; SILVA, M^a J. D; SANTOS, C. (2013) - O hipogeu da Barrada: um monumento funerário do Neolítico final / Calcolítico inicial em Aljezur. *Arqueologia em Portugal, 150 anos*. Lisboa: p. 407-415
- BUENO RAMÍREZ, P., BARROSO BERMEJO, R. y BALBIN BEHRMANN, R. (2016) - Between East and West: Megaliths in the Centre of the Iberian Peninsula. (Laporte, L., Scarre, C., eds.), *The Megalithic Architectures of Europe*. Oxbow Monographs, p: 157-166.
- BOAVENTURA, R. (2009) - *As antas e o Megalitismo da região de Lisboa*. Lisboa (tese de doutoramento policopiada).
- DIAS, M. I; PRUDÊNCIO, M. I; SANJURJO SANCHEZ, J; CARDOSO, G. O. y FRANCO, D. (2008) - Datação por luminiscência de sedimentos de sepulcros artificiais da necrópole pré-histórica da Sobreira de Cima (Vidigueira). Resultados preliminares. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 2. Lisboa, p. 31-40.
- DIAS, C. y MIRÃO, J. (2013) - Identificação de pigmentos vermelhos recolhidos no hipogeu da Sobreira de Cima por microscopia de raman e microscopia electrónica de varrimento acoplada com espectroscopia de dispersão de energias de raios-x (mev-edx). *Era Monográfica*. 1. Lisboa, p.101-108.
- EMSLIE S.D., BRASSO R., PATTERSON W.P., VALERA A., MCKENZIE A., MARIA SILVA A., GLEASON J.D. y BLUM J.D. (2015) - Chronic mercury exposure in Late Neolithic/Chalcolithic populations in Portugal from the cultural use of cinnabar. *Scientific Reports* .5. p.14679
- FAUSTINO, A. y ROCHA, L. (2016) - Datação direta e análise de paleodietas dos indivíduos da anta de Cabeceira 4.^a: contribuição para o estudo das origens do megalitismo do centro e sul de Portugal”. *digitAR. Revista digital de Arqueologia, Arquitetura e Artes*. 3. Coimbra, p.53-61.
- FERNANDES, R. (2011): *Entre a Arrábida e o Alentejo Central: o enquadramento das grutas naturais no contexto da Pré-história*. Évora.
- FERNANDES, R; CABAL, P; DINIZ, M; TÁTÁ, F; RODRIGUES, P. y ROCHA, L. (2015) - A Lapa do Sono (Sesimbra, Portugal) – primeira notícia de um novo contexto sepulcral neolítico. *Death as Archaeology of Transition: Thoughts and Materials Papers*. ROCHA, L; BUENO-RAMÍREZ, P; BRANCO, G. (eds). p. 29-24.
- FERREIRA, O. V. y SANTOS, M. F. (1968) - O monumento eneolítico de Santiago do Escoural. *O Arqueólogo Português*. 3^a série, I. Lisboa, p. 37-62.
- FORMOSINHO, J.; FERREIRA, O. da V. y VIANA, A. (1953) - Estudos Arqueológicos nas Caldas de Monchique. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. XIV, 1, 2. Porto.
- GOMES, M. V. (1994) - O sepulcro colectivo de Pedra Escorregadia (Vila do Bispo, Faro) - Notícia da escavação de 1991. *V Jornadas Arqueológicas*. 2. Lisboa, p. 79-91.
- GOMES, M.V. y PAULO, L. C. (2003) - Sepultura neolítica do Cerro das Cabeças (Enxerim, Silves, Algarve). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 6.2. Lisboa, p. 83-107
- GOMES, M. V; CARDOSO, J. L. y CUNHA, A. S. (1994) - A sepultura de Castro Marim. *Comunicações do Instituto Geológico e Mineiro* .80. Lisboa, p. 99-105.
- GONÇALVES, V. S. (1989) - Megalitismo e Metalurgia no Alto Algarve Oriental. Uma aproximação integrada”. *Estudos e Memórias* 2. Lisboa.
- GONÇALVES, V. S. (1992) - *Revendo as antas de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa.
- GONÇALVES, V. S. (2003a) - A anta 2 da Herdade dos Cebolinhos (Reguengos de Monsaraz, Évora): Sinopse das intervenções de 1996-97 e duas datações de radiocarbono para a última utilização da câmara ortostática. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 6, 2. Lisboa, p.143-166.

- GONÇALVES, V. S. (2003b) - STAM-3, a anta 3 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz). *Trabalhos de Arqueologia*. 32. Lisboa.
- GONÇALVES, V. S. (2004a) - As placas de xisto gravadas dos sepulcros colectivos de Aljezur (3.º milénio a.n.e.). *O Arqueólogo Português*. 22. Lisboa, p.163-318
- GONÇALVES, V. S. (2004b) - As deusas da noite: o projecto «Placa Nostra» e as placas de xisto gravadas da região de Évora. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 7, 2. Lisboa, p. 49-72
- GONÇALVES, V. S.; ANDRADE, M. y PEREIRA, A. (2004) - As placas de xisto gravadas da gruta artificial S. Paulo 2 (Almada). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 7, 2. Lisboa, p. 73-96
- GONÇALVES, V. S.; SOUSA, A. C. (2006) - Algumas breves reflexões sobre quatro datas 14C para o Castro da Rotura no contexto do terceiro milénio a.n.e. nas penínsulas de Lisboa e Setúbal. *O Arqueólogo Português*. 4.a serie. 24. Lisboa, p. 233-266.
- HENRIQUES, F. J. R; SOARES, A.M., ANTÓNIO; T.F; CURATE, F., VALÉRIO, P. y ROSA, S. P. (2013) - O Tholos Centirã 2 (Brinches, Serpa) – construtores e utilizadores; práticas funerárias e cronologias. *VI Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*: p. 319-355.
- LEISNER, G. y LEISNER, V. (1951 - *Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa.
- LEISNER, G. y LEISNER, V. (1955) - *Antas nas herdades da Casa de Bragança no Concelho de Estremoz*. Lisboa.
- LEISNER, G. y LEISNER, V. (1959) - *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel: Der Westen* 2, Berlin.
- MIGUEL, L. y GODINHO, R. (2009) - Notícia do sítio arqueológico do Monte das Covas 3 (Beja). *Apointamentos de Arqueologia e Património*. 4. Lisboa, p. 23-24.
- MORENO GARCÍA, M. (2003) - Estudos dos restos faunísticos da Anta 3 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz). *Trabalhos de Arqueologia*. 32. Lisboa, p.433-439.
- MORÁN, E. y PARREIRA, R. (2004) - *Alcalar 7: Estudo e reabilitação de um monumento megalítico*. Lisboa
- NEVES, C. y DINIZ, M. (2018) - À procura da Terra dos Vivos: os lugares de povoamento das primeiras fases do Megalitismo funerário no Centro e Sul de Portugal. *DE GIBRALTAR AOS PIRENÉUS. Megalitismo, Vida e Morte na Fachada Atlântica Peninsular*. Nelas, p. 321-339.
- NEVES, M^a J. y SILVA, A.M. (2018) – Acerca da biografia dum sepulcro colectivo do Neolítico final/ Calcolítico: o hipogeu 2 do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja, Portugal). *Estudos do Quaternário*. 18, p. 35-52
- NUNES, S; ALMEIDA, M; FERREIRA, M^a T. y BASÍLIO, L. (2014) - Questões e problemas suscitados pela intervenção no Casarão da Mesquita 4 (S. Manços, Évora): da análise intra-sítio à integração e comparação regional. *4.º Colóquio de Arqueologia do Alqueva (2002-2010). Memórias d'Odiana. Estudos Arqueológicos do Alqueva*. 2ª Série. Beja, p.112-118
- OLIVEIRA, J. (1984) – *Introdução ao estudo do Megalitismo do Rio Sever*. Évora: Universidade de Évora (texto policopiado).
- OLIVEIRA, J. (1997) - *Monumentos Megalíticos da Bacia Hidrográfica do Rio Sever*. Lisboa.
- OLIVEIRA, J. (2006) - *Património Arqueológico da Coudelaria de Alter e as primeiras comunidades agropastoris*. Lisboa.
- PARREIRA, R. (1996) - *O conjunto megalítico do Crato (Alto Alentejo). Contribuição para o estudo das antas portuguesas*. Porto. (Tese Policopiada).
- PONTE, T. R. N; SOARES, A. M; ARAÚJO, M^a. F; FRADE, J.C; RIBEIRO, I; RODRIGUES, Z; SILVA, R. J. C. y VALÉRIO, P. (2012) - O Bronze Pleno do Sudoeste da Horta do Folgão (Serpa, Portugal). Os Hipogeus Funerários. *O Arqueólogo Português* Série V. 2. Lisboa, p. 265-295
- ROCHA, L. (1999) - *Povoamento Megalítico de Pavia. Contributo para o conhecimento da Pré-História Regional*. Setúbal.
- ROCHA, L. (2005) - *As origens do megalitismo funerário no Alentejo Central: a contribuição de Manuel Heleno*. Lisboa (Tese Policopiada).

- ROCHA, L. (2007) - O monumento megalítico do Lucas 6 (Hortinhas, Alandroal): um contributo para o estudo das arquitecturas megalíticas. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 10, 1. Lisboa, p. 73-94.
- ROCHA, L. (2009/2010) - As origens do megalitismo funerário alentejano. Revisitando Manuel Heleno. *Promontoria*. 7/8. Faro.
- ROCHA, L. (2009) - A anta de Santiago Maior (Alandroal): a recuperação de um monumento destruído. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 12, 1. Lisboa, p. 35-52.
- ROCHA, L. (2014) - The contribution of Manuel Heleno to the knowledge of the funerary Megalithic in Alentejo. *Rendering Death: Ideological and Archaeological Narratives from Recent Prehistory (Iberia)* BAR International Series 2648, p. 13-22.
- ROCHA, L. (2015) - Espaços de necrópoles das primeiras sociedades camponesas no concelho de Arraiolos: um ponto da situação. *VII Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular* Ayuntamiento de Aroche, p.251-268.
- ROCHA, L. (2016) - Percorrendo antigos [e recentes] trilhos do Megalitismo Alentejano. *Terra e Água. Escolher Sementes, invocar a Deusa. Estudos & Memórias*. 9. Lisboa, p. 167-177.
- ROCHA, L. (2020) - Where were the dead buried in Recent Prehistory? The problem of architectures versus chronologies in Central Alentejo (Portugal)/ Onde se enterravam os nossos mortos na Pré-história Recente? O problema das arquiteturas versus cronologias no Alentejo Central (Portugal). *Pre and Proto-historic Stone Architectures. Comparisons of the social and technical contexts associated to their building*. Oxford, p. 86-94.
- ROCHA, L. (2021) - Anta da Tapada do Castelo (Santo António das Areias, Marvão) no quadro das paisagens megalíticas do Norte Alentejano. *Memórias das Freguesias de Santo António das Areias e Beirã*. Marvão.
- ROCHA, L. y FERNANDES, R. (2014) - Some possible assessments of the different burial Spaces in the Alentejo and Arrábida in prehistory and protohistory. *Mobility and Transitions in the Holocene*. BAR International Series 2658, p.59-66.
- ROCHA, L. y MORGADO, P. (2019) - Reuse of ancient megalithics monuments during Metal Ages: the dolmen of Serrinha (Monforte, Portugal)". *ARPI. Arqueología y Prehistoria del Interior Península* 8, p. 25-30.
- ROCHA, L; OLIVEIRA, J; DIAS, C; MIRÃO, J; DIAS, L. y MANHITA, L. (2018) - About the Presence of Exotic Materials in Some Funerary Megalithic Monuments in Alentejo (Portugal): The Cases of Cinnabar and Amber. *BAR International Series 2891*, p. 83-90.
- SANTOS, F; SOARES, A. M; RODRIGUES, Z; QUEIROZ, P; VALÉRIO, P; ARAÚJO, M^a F. (2009) - A Horta do Albardão 3: um sítio da Pré-história recente, com fosso e fossas, na encosta do Albardão (S. Manços, Évora). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 12:1, p. 53-71.
- SANTOS, R; REBELO, P; NETO, N; VIEIRA, A; REBUJE, J; SÁ, A. P; CHÉNEY, A; RODRIGUES, F. y CARVALHO, A. F. (2014) - Intervenção arqueológica em Porto Torrão, Ferreira do Alentejo (208-2010): Resultados preliminares e programa de estudos. *4^o Colóquio de Arqueologia do Alqueva (2002-2010)*. *Memórias d'Odiana. Estudos Arqueológicos do Alqueva*. 2^a Série, p. 74-82.
- SILVA, C.T. y SOARES, J. (1981) - *Pré-história da área de Sines. Trabalhos arqueológicos de 1972-1977*. Lisboa.
- SERRÃO, E.C (1978) - A Lapa do Fumo. Aspectos e métodos da Pré-História". *Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto - GEAP*, p. 27-45.
- SOARES, A.M.M. (2008) - O monumento megalítico Monte da Velha 1 (MV1) (Vila Verde de Ficalho, Serpa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 11,1. Lisboa, p. 33-51.
- SOARES, A.M. y CABRAL, J.M.P. (1984) - Datas convencionais de radiocarbono para estações arqueológicas portuguesas e a sua calibração: revisão crítica. *O Arqueólogo Português* IV, 2. Lisboa, p. 167-214.
- SOARES, A.M. y CABRAL, J.M.P. (1993) - Cronologia absoluta para o Calcolítico da Estremadura e do Sul de Portugal. *Actas do 1^o Congresso de Arqueologia Peninsular. Trabalhos de Arqueologia*. 33, 34, II, p.217-235.

- SOARES, J. (2003) - *Os hipogeus pré-históricos da Quinta do Anjo (Palmela) e as economias do simbólico*. Setúbal.
- VALERA, A.C. (Coord) (2013) - Sobreira de Cima. Necrópole de Hipogeus do Neolítico (Vidigueira, Beja). *Era Monográfica*. 1. Lisboa.
- VALERA, A.C. (Coord) (2014) - BELA VISTA 5. Um Recinto do Final do 3º milénio a.n.e. (Mombeja, Beja). *Era Monográfica*. 2. Lisboa.
- VALERA, A.C. ed. (2018) - Os Perdigões Neolíticos. Génese e desenvolvimento (de meados do 4º aos inícios do 3º milénio AC). *Perdigões Monográfica*. 1. Lisboa.
- VALERA, A.C. ed. (2020) - O sepulcro 4 dos Perdigões. Um tholos da segunda metade do 3º milénio ac. *Perdigões Monográfica*. 2. Lisboa.
- VALERA, A.C; FERNANDES, M; SIMÃO, P. y LOURENÇO, M. (2017) - Os hipogeus da Pré-história Recente da Quinta da Abóbada (Beja). *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 12. Lisboa, p. 15-22.
- VALERA, A. C; FIGUEIREDO, M; LOURENÇO, M; EVANGELISTA, L. S; BASÍLIO, A. C. y WOOD, R. (2019) - O Tholos de Cardim 6, Porto Torrão, Ferreira do Alentejo (Beja). *ERA Monográfica*. 3. Lisboa.
- VALERA, A.C; GODINHO, R; CALVO, E; MORO BERRAQUERO, F.J; FILIPE, V. y SANTOS, H. (2014) - Um mundo em negativo: fossos, fossas e hipogeus entre o Neolítico final e a Idade do Bronze na Margem Esquerda do Guadiana (Brinches, Serpa). *4º Colóquio de Arqueologia do Alqueva (2002-2010). Memórias d'Odiana. Estudos Arqueológicos do Alqueva*. 2ª Série. Beja, p. 55-73.
- VALERA, A.C; NUNES, T. y COSTA, C. (2010) - Enterramentos de canídeos no neolítico: A fossa 5 de corça 1 (Brinches, Serpa). *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 5: 7, Lisboa.
- VALERA, A.C; SANTOS, H.; FIGUEIREDO, M. y GRANJA, R. (2014) - Contextos funerários na periferia do Porto Torrão: Cardim 6 e Carrascal 2. *4º Colóquio de Arqueologia do Alqueva. O plano de rega (2002-2010). Memórias d'Odiana*. 2ª Série, 14. Beja, p. 83-95.
- VASCONCELLOS, J. L. de (1918) - Pelo Sul de Portugal (Baixo Alentejo e Algarve)". *O Archeologo Português*. 23. Lisboa, p.104-138.
- VEIGA, S. Filipe Martins Estácio da (1891) - *Antiguidades monumentaes do Algarve: tempos préhistóricas*. Lisboa.
- WHITTLE, E. H. y ARNAUD, J. M. (1975) - Thermoluminescent dating of Neolithic and Chalcolithic pottery from sites in central Portugal". *Archaeometry* 17/1, p.5-24.